



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA

JOÃO DA CRUZ BATISTA

MARIA ESTRELA DA EVANGELIZAÇÃO PÓS CONCÍLIO VATICANO II

ANÁPOLIS

2017

JOÃO DA CRUZ BATISTA

MARIA ESTRELA DA EVANGELIZAÇÃO PÓS CONCÍLIO VATICANO II

Trabalho de Conclusão do Curso de
Bacharelado em Teologia da Faculdade
Católica de Anápolis, orientador.

Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto.

ANÁPOLIS

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOÃO DA CRUZ BATISTA

Maria estrela da evangelização pós concílio Vaticano II

Trabalho de Conclusão de Curso defendida no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, para a obtenção do título de Bacharelado, aprovado em 26 de Junho de 2017, com nota 8,5 avaliada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

Flávio Pereira Nolêto

Prof.

Tobias Dias Goulão

Prof.

Onésimo Francisco de Paula Neto

Prof.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais João Batista da Silva, *In Memoriam* e
Terezinha Maria Batista, que me instruíram no
caminho do Evangelho, sendo meus primeiros
catequistas.

Ao meu irmão Gilton Batista Silva, que sempre me
apoiou em meus desafios.

À minha esposa Jane Mary Xavier Batista, que tem
sido uma bênção de Deus em minha vida.

Aos meus filhos, Rafael, Thiago e Daniella, que
darão continuidade à nossa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelo dom da vida e paciência para comigo em minhas dificuldades.

Aos meus colegas de curso pelo apoio em meus estudos.

Aos funcionários da faculdade Católica de Anápolis pelo profissionalismo e amizade demonstrados no decorrer de meu curso.

A todos os meus professores, pois sem eles nada teria sido realizado.

Maria é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho em nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, que compreende todas as penas, ela é a missionária que se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida (FRANCISCO, 2014).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 MARIA SE PERPETUA COMO EVANGELIZADORA: UM RECORTE HISTÓRICO DE FÉ.....	11
1.1 O LEGADO DE PORTUGAL AO BRASIL: A EVANGELIZAÇÃO EM MARIA.....	12
1.2 PRESSUPOSTOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO: A MISSÃO DE MARIA.....	14
2 MARIA E A NOVA EVANGELIZAÇÃO PÓS CONCÍLIO VATICANO II.....	18
2.1 MEDELLÍN, PUEBLA, SANTO DOMINGO E APARECIDA: UM NOVO OLHAR A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO ECONÔMICAS.....	18
2.2 O PAPEL DA FAMÍLIA, ESPECIALMENTE DA MULHER NA EVANGELIZAÇÃO.....	21
3 MARIA, A IGREJA E A EVANGELIZAÇÃO NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII NUNTIANDI.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
5 REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

A devoção a Maria faz parte da história da cultura brasileira, com seu nome evocado em primeira ordem nos cultos cristãos, sendo considerada figura de proteção nas orações. Conforme verificamos na Sagrada Escritura e na Tradição, a história da vida de Maria demonstra que esta viveu em contínuo ato de fé e amor, avançando em peregrinação e evangelização.

Maria é figura importantíssima na cultura cristã, sendo sua veneração tão persistente que é capaz de reavivar a fé em seu filho Jesus. Essa perspectiva da fé auxilia a compreender sobre sua devoção que é representada em forma de signos, como por exemplo, os nomes dados às várias mulheres: Maria Aparecida, Maria Conceição, Maria da Anunciação etc.

Outros signos que evocam seu nome são as palavras mencionadas nas orações e cânticos que tem por finalidade apresentá-la aos devotos. A esse respeito, devoção significa o apego fervoroso a um Santo que é praticado em forma litúrgica ou privado, com profundo sentimento religioso. Para manter a devoção é preciso participar da vida e das vitórias do santo, mantendo contato quase que diário, através de orações, para fortalecer a fé cristã.

Nesse aspecto, este trabalho se justifica pela necessidade de se reafirmar a fé, pois estamos vivenciando, a nível mundial, eventos cotidianos de violência, agressão e desamor que clamam pela intercessão e proteção de Maria.

Prioritariamente, o homem, enquanto ser espiritual necessita preencher o vazio interior, dando valor à religiosidade como necessidade básica para compreender a própria vida.

A respeito do ato de evangelizar, muitos cristãos, na sua estrutura psíquica mais profunda, permanecem pagãos, e para discutir acerca de uma nova evangelização faz-se fundamental compreender a pessoa humana no seu todo, consciente e inconsciente.

Assim, nosso trabalho se justifica pela atualidade do tema, pela compreensão que a figura de Maria representa e persiste através dos tempos, revelando sua importância para a humanidade.

Objetivando discutir sobre evangelização, esse trabalho em questão visa investigar a devoção a Maria, sua religiosidade e força evangelizadora na América Latina e no Brasil, como também discorrer sobre os princípios da evangelização para a atualidade.

Discutindo sobre a evangelização, podemos fazer o seguinte questionamento: como apresentar a fé cristã ao homem de hoje, como suscitar uma reflexão sobre o amor de Cristo, morto e ressuscitado, como conciliar fé e razão a fim de que o ato de fé seja livre e forte?

Para tanto, questiona-se neste trabalho como se difundiu o culto a Maria na América Latina e no Brasil. Quais qualificativos são direcionados à Maria? Como o documento *Evangelii Nuntiandi*, gestado no Pós Concílio Vaticano II, concebe a evangelização? Por que Maria é considerada Estrela da Evangelização?

Compreendemos que as respostas a tais questionamentos só serão respondidas a partir de pesquisas que lancem o olhar sobre essas questões. Assim, o objetivo geral deste trabalho foi Investigar na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* a função evangelizadora da Igreja na atualidade e da imagem de Maria como exemplo de evangelizadora.

Nos anos após o Concílio Vaticano II, a Igreja enfatizou a importância de Maria para a evangelização, oportunizando maior liberdade no comprometimento com os pobres.

Neste aspecto, foram elaborados documentos nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), que abordaram a condição da mulher, sua sexualidade e relação familiar.

Os documentos gestados nessas conferências demonstraram que houve transformações no posicionamento e acerca da importância da mulher na Igreja bem como um maior interesse na Igreja pela evangelização.

Para alcançarmos os objetivos delineados e responder às questões da pesquisa, os primeiros procedimentos utilizados foram aproximações com o objeto de estudo e com a documentação bibliográfica a ele relacionada.

Esta pesquisa de cunho bibliográfico do tipo descritiva foi desenvolvida a partir da seleção de livros, textos e artigos da literatura acadêmica que abordam pesquisas na área de teologia.

A busca dos artigos priorizou as seguintes palavras-chave: Maria; evangelizar; *Evangelii Nuntiandi*. Com objetivo de incluir estudos que abordassem a evangelização na América Latina e no Brasil, tendo Maria como figura feminina primordial para evangelizar a humanidade.

A estrutura deste trabalho de conclusão de curso está dividida em três capítulos nominados a seguir:

O primeiro capítulo intitulado Maria se perpetua como evangelizadora: um recorte histórico de fé. Elucida a importância de Maria para a evangelização, discorrendo sobre o início de seu culto tanto na América Latina quanto no Brasil.

O segundo capítulo intitulado Maria e a Nova Evangelização Pós Concílio Vaticano II. Analisamos as reformas gestadas pela Igreja católica nas conferências realizadas no Pós Concílio Vaticano II.

O terceiro capítulo que se intitula Maria, a Igreja e a Evangelização na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Discorremos sobre a função evangelizadora da Igreja na figura de Maria, analisando e refletindo sobre o documento do Santo Padre o Papa Paulo VI.

1 MARIA SE PERPETUA COMO EVANGELIZADORA: UM RECORTE HISTÓRICO DE FÉ

Este capítulo tem o objetivo de esclarecer a importância de Maria para a evangelização na América Latina e no Brasil, discutindo as concepções sobre evangelizar nos dias atuais.

Dividimos o capítulo em duas seções. Na primeira, discutimos a historicidade da devoção à Maria na América Latina, ressaltando a fé do povo brasileiro na sua imagem de mãe protetora dos oprimidos.

Na segunda seção, analisamos as concepções que fundamentam o sentido da nova evangelização, a qual ratifica que Maria é a Estrela da Evangelização devido ao testemunho de fé e devoção que assumiu ao aceitar a missão de ser a mãe de Jesus Cristo.

Discutir a respeito de Maria, mãe de Jesus, é descrever sobre o amor e a devoção que circunscreve o universo católico, mais especificamente sobre a religiosidade.

Ao celebrar o ciclo anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com particular amor a bem-aventurada mãe de Deus. Maria que por um vínculo indissolúvel está unida à obra salvífica de seu Filho; em Maria a igreja admira e exalta o mais excelente fruto da redenção e a contempla com alegria como puríssima imagem do que ela própria anseia e espera ser em sua totalidade (CIC, 1172).

Os textos escritos no Novo Testamento discorrem e exprimem a eminência de Maria, explicando o tão grande é Maria para a Igreja católica. “por isto, desde agora, me proclamam bem-aventurada todas as gerações” (Lc 1,48). Considerada figura central na igreja católica, Maria é sinônima de proteção no meio cristão porque se trata de uma mulher que reúne em sua complexidade as qualidades de Mãe de Deus e intercessora dos homens perante seu filho.

No concílio de Éfeso (431) com cerca de duzentos bispos de todas as partes, pesaram as declarações de são Cipriano, santo Atanásio, santo Ambrósio, são Basílio, para a tomada da decisão. Foi definida a unidade da pessoa de Jesus e a maternidade divina de Maria. E esta definição foi confirmada no ano de 451 no concílio de Calcedônia e depois ainda pelo segundo concílio de Constantinopla. Maria é realmente Mãe de Deus (AQUINO, 2016, p. 45).

Muitos esperam pela ajuda de Maria e rogam por proteção, cura e conquistas que são recebidas através de seu Filho Jesus, mediante sua poderosa intercessão como graças e promovem a sua figura que foi escolhida pelos devotos que necessitam de auxílio. Refletindo acerca destas pessoas que se aproximam de Maria, muitas capelas foram erigidas em seu nome e em diversos lugares do mundo e do Brasil a fim de propagar a devoção Nazarena.

1.1 O LEGADO DE PORTUGAL AO BRASIL: A EVANGELIZAÇÃO EM MARIA

A devoção a Maria nas terras brasileiras é elemento qualificador da piedade da Igreja, sendo seu culto uma constante na América Latina e, em particular, no Brasil.

Paulatinamente, Maria começa a ser integrada nos costumes da América espanhola e portuguesa, a partir da concepção de ser auxílio dos aflitos e aliada dos pobres. Compreende-se, assim, que Maria foi de certa forma, uma conquistadora, tanto aliada dos conquistadores quanto aliada dos conquistados.

No caso específico do Brasil, desde a chegada dos portugueses, a sua imagem veio fixada nas caravelas e sua devoção se afirma até hoje, na atualidade do século XXI. Na época da chegada dos portugueses ao Brasil, os jesuítas, foram quem trouxeram a devoção Mariana para terras brasileiras.

Maria é a grande missionária continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários. Ela, da mesma forma que deu a luz o Salvador do mundo, trouxe o evangelho à América.

Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu filho e formadora de missionários. Ela, da mesma forma que deu a luz o salvador do mundo, trouxe o evangelho à América. No acontecimento de Guadalupe, presidiu junto com o humilde João Diego, o pentecostes que abriu os dons do espírito. Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o continente americano testemunham a presença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã (DOCUMENTO DE APARECIDA, 269).

Baseado no exposto anteriormente confirma-se a devoção a Maria, trazida pelos portugueses ao conquistarem o Brasil. Embora o povo brasileiro, em sua formação histórica e cultural seja um resultado da fusão de três elementos: o

português, o índio e o negro africano, o que explica a tendência ao sincretismo, ou seja, a crença na diversidade de credos, o culto a Maria marca a história da colonização no Brasil.

Ao longo do processo evangelizador no Brasil, a Virgem Maria foi apresentada junto ao anúncio do evangelho, como expressão mais sublime de fidelidade e piedade. Sem dúvida, a piedade associada à imagem de Maria representa um vínculo que conservam grandes parte dos fiéis, principalmente nos setores que necessitam de maior atenção pastoral.

A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de “filhos no Filho” nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (Lc 1,45), e obediente à vontade de Deus (Lc 1,38), assim como por sua constante meditação da palavra e das ações de Jesus (Lc 2,19-51), é a discípula mais perfeita do Senhor. Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo. Sua figura de mulher livre e forte emerge do evangelho conscientemente orientado para o verdadeiro seguimento de Cristo (DOCUMENTO DE APARECIDA, 266).

Essa intimidade desemboca na busca da figura materna que possa abrir as portas da misericórdia, mensagem central do Evangelho. Assim, Maria não é para o povo somente a figura da mãe, mas a comunhão entre o divino e o humano.

A maternidade de Maria em relação a nós não consiste apenas em um ligame afetivo: pelos seus méritos e intercessão ela contribui eficazmente para o nosso nascimento espiritual e o desenvolvimento da vida da graça em nós. Por esse motivo é chamada “Mãe da Graça”, “Mãe da vida”. Ela é mãe da vida, da qual vivem todos os homens: gerando por si mesma esta vida, num certo modo, regenerou todos os que haveriam de viver. Um só foi gerado, mas todos nós fomos regenerados (AQUINO, 2014, p. 19-20).

O povo concebe que Maria está indissolúvelmente unida à pobreza, pois protege os pobres e necessitados. É de se notar que justamente nos países onde foi mais violento o genocídio provocado pelos colonizadores espanhóis e portugueses, que a devoção a Maria assumiu conotação libertadora, de aliada dos oprimidos, de mãe dos órfãos.

Então, podemos concluir que o início para a evangelização deva ser o culto a Maria, uma vez que esta detém a fé popular, pois como afirmou o papa Paulo VI, Maria é a Estrela da Evangelização (*EVANGELII NUNTIANDI*, 82).

Nesse aspecto de sua devoção, a Santa Maria, mãe de Deus pode ser analisada através de inúmeros ângulos, privilegiando nesse trabalho a característica de ser concebida enquanto evangelizadora.

Um dos aspectos mais importantes do culto à Maria na América Latina é a característica desta ser apresentada enquanto modelo de mulher libertadora em comunhão com o projeto libertador de seu filho Jesus Cristo. Enquanto figura libertadora, Maria se apresenta pelo anúncio de Deus e a serviço dos pobres. Sua força evangelizadora reside no fato de representar a justiça divina, a misericórdia do Pai e a esperança dos aflitos. O convite de Maria é para a comunhão com Deus nas situações problemáticas que enfrentamos em nossas vidas, independente de raça cor e sexo.

Maria representa a postura de uma mulher corajosa e ativa, como as santas mulheres do antigo testamento, Ana, Judith, Ester etc. Mais dentre elas a figura mais pura é Maria. Seu testemunho de fé ressignifica a mensagem no Magnificat, “como modelo para os que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas de alienação [...]” (JOÃO PAULO II, 2001, p.37). No tópico abaixo, discorreremos sobre as concepções em relação à nova evangelização.

1.2 PRESSUPOSTOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO: A MISSÃO DE MARIA

Para compreender a evangelização parte-se de uma perspectiva de fé, pois evangelizar é transmitir a fé cristã, propondo a riqueza que esta nos oferta enquanto sujeitos subjetivos. Essa questão nos leva a questionar se o homem, na atualidade, sente necessidade de ser evangelizado, pois é perceptível a indiferença religiosa de muitas pessoas.

Partimos do pressuposto de que uma nova evangelização, para atrair os indivíduos, deverá se fundamentar na visão holística do homem, ou seja, como um todo, porque o homem é formado de alma e espírito.

Observa-se que, com o abandono do cristianismo, os deuses pagãos ressurgem. Portanto, é fundamental que a humanidade receba uma nova evangelização, compreendida no sentido holístico e realizada através de novos métodos.

Ciente da urgência de uma nova evangelização, o papa Bento XVI cria o Conselho Pontifício (2010) que tem entre suas missões, promover a evangelização e

atrair a atenção do mundo para tomar consciência da própria responsabilidade e da obrigação de motivar a fé vigilante e atenta em Maria.

O que se concebe como nova evangelização foi introduzida por João Paulo II, como uma forma de ressignificar a evangelização das regiões de antiga cristianização. Na Exortação Apostólica *Christifideles laici* ele afirmava que:

Países inteiros e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos a dura prova, e, por vezes, até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo. É o caso, em especial, dos países e das nações do chamado Primeiro Mundo, onde o bem-estar econômico e o consumismo, embora à mistura com tremendas situações de pobreza e de miséria, inspiram e permitem viver como se Deus não existisse (JOÃO PAULO II, 1998, p.05).

Corroborando com João Paulo II, o papa Bento XVI (2013) concebe essa nova evangelização através de um novo impulso missionário, que se fundamentará na abertura e partilha ao dom da graça que Deus nos concede com a sua própria vida de fé. É nesse contexto do anúncio da fé que Maria é modelo e protótipo, pois foi a primeira a acreditar no seu filho, tornando-se sua discípula missionária.

Conforme Bento XVI, (2013) é dever da Igreja anunciar por toda a parte o evangelho de Jesus Cristo, pois Jesus foi o primeiro e supremo evangelizador, ordenando aos seus apóstolos.

Ide, pois, e ensinai todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo (Mt 28,19-20).

O mundo necessita de uma nova evangelização porque as sociedades, as culturas e os valores se transformam, contribuindo para o afastamento da fé. O progresso científico e tecnológico ampliou o desenvolvimento econômico, observando-se uma melhor qualidade de vida em determinadas regiões do planeta e a exacerbação à liberdade individual.

Por um lado o progresso é positivo, mas preocupa a perda dos valores sagrados e o questionamento das verdades religiosas, anteriormente inquestionáveis. O homem está perdendo a fé no Deus que o criou, Jesus Cristo, o Salvador.

Hoje, quando em nosso continente latino-americano se enfatiza o discipulado e a missão, é Maria quem brilha diante de nossos olhos como imagem

acabada e fidelíssima do segmento de Cristo, esta é hora da seguidora mais radical de Cristo, como nos diz o papa Bento XVI em Aparecida na ocasião da V conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (270): “Maria Santíssima, a virgem pura e sem mancha, é para nós escola de fé que nos conduz ao encontro com o criador do céu e da terra”.

Maria é concebida enquanto evangelizadora porque tem atributos que a fizeram acreditar na palavra de Deus, mesmo sem a confirmação acerca das profecias. A respeito da crença em Deus, o evangelho afirma “feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!” (Lc 1,45). Nossa Senhora, mãe de Jesus foi crente por excelência, tendo em vista que aceitou as sinalizações do Senhor, acreditando nas palavras do anjo antes de qualquer confirmação por parte dos eventos profetizados. Portanto, “bem-aventurados os que sem terem visto, acreditam!” (Jo 20,29).

Maria é a estrela, cuja luz lhe advém da Fé. Esta Fé foi proclama por Isabel quando Maria chega para visitá-la. Nada de grandioso, nada de aparente e, no entanto, Isabel proclama: “Feliz aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do senhor será cumprido!” (Lc 1,45).

Ao contemplarmos Maria como Estrela da Nova Evangelização “acreditamos na força revolucionária da ternura e do afeto. Ternura e humildade como virtude dos fortes, não precisando impor-se sobre os outros para se sentir importante” (*EVANGELII GAUNDIUM*, 288).

Paulo escreve nos atos dos apóstolos “perseveravam na oração em comum, juntamente com algumas mulheres, entre elas, Maria, mãe de Jesus” (At 1,14). Com certeza, esta falando que aquela mulher (Maria) que exerceu um papel importante no nascimento de Jesus, é agora convidada a exercer uma função única, no nascimento da igreja. Isto equivale a dizer que a partir do fato da paixão e morte de Jesus, Maria estaria presente na vida da igreja como aquela que intercede para obter os dons do Espírito Santo.

À mãe do evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial. Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé, e a sua excepcional peregrinação de fé representa um ponto de vista de referência constante para a igreja (FRANCISCO, 2014, p.108).

A história de fé do Antigo Testamento demonstra que muitas mulheres foram fiéis à palavra de Deus, representando uma característica feminina em Maria. Quando Jesus disse no alto da cruz: “Mulher, eis teu filho” (Jo 19,26), manifestando a missão que tinha para sua mãe, ou seja, Jesus deixava-nos sua mãe para que assumisse a nossa maternidade. Cristo quis mostrar que não podemos caminhar sem a força da mulher, da mãe, relacionando nesse aspecto a igreja, Maria e o povo.

A razão de ser de Maria e da igreja é a de receber a Cristo para anunciá-lo ao mundo. A igreja olha para Maria como ponto de referência para os povos e para a humanidade. “Apareceu em seguida um grande sinal do céu, uma mulher revestida do sol, a lua debaixo de seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 12,1), Maria precede a igreja com grande sinal, como ‘Estrela da Evangelização’. Este título mariano indica que Maria é tipo, figura e personificação da igreja, que é virgem, mãe e missionária.

2 MARIA E A NOVA EVANGELIZAÇÃO PÓS CONCÍLIO VATICANO II

Neste capítulo, analisamos as reformas gestadas nas Conferências realizadas Pós Concílio Vaticano II, salientando as transformações no pensamento católico, especificamente no que diz respeito à inclusão da mulher no tecido social. O objetivo deste capítulo é discutir sobre alguns documentos criados no seio das reformas exigidas para que a igreja se aproxime dos cristãos, principalmente enfatizando a figura da mulher como evangelizadora. Dividimos o capítulo em duas seções. Na primeira, discutimos e analisamos algumas temáticas centrais nos documentos gestados Pós Concílio Vaticano II.

Na segunda seção, abordamos nos documentos as considerações que dizem respeito particularmente à família e à mulher.

2.1 MEDELLÍN, PUEBLA, SANTO DOMINGO E APARECIDA: UM NOVO OLHAR A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO ECONÔMICAS.

Maria esta presente em toda a obra da evangelização, daí o título 'estrela da evangelização', dada pelo papa Paulo VI, porque, desde o início de sua caminhada, sob a ação do Espírito Santo em si, traz a mensagem do evangelho. Foi a primeira a crer, com uma fé profunda na palavra de Deus, sem reserva entregou-se de corpo, alma e espírito à missão de levar Jesus ao mundo. Esta mensagem atravessou os séculos para nos mostrar que somos também, responsáveis pela missão de evangelizar e isto nos mostram estas conferências pós concílio Vaticano II.

O Concílio Vaticano II representou o marco histórico da abertura da Igreja Católica à renovação, com liberdade e compromisso para com os pobres. Nessa ocasião foram elaborados documentos fundamentais em defesa e reconhecimento da condição da mulher, sua sexualidade e relacionamento familiar. Pós Concílio Vaticano II foram organizadas as Conferências Gerais do Episcopado Latino Americano de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida

(2007), com a criação de seus respectivos documentos, que demonstram mudanças sobre o posicionamento e a importância da dignidade humana, especialmente dos mais pobres e também da mulher no seio da Igreja.

Refletir sobre essas questões é importantíssimo, tendo em vista que a mulher, na contemporaneidade, enfrenta problemas em várias esferas do tecido social.

Assim sendo, diante de um processo evangelizador até então, que estava baseado no 'medo de Deus' em que a figura de Deus Pai aparece com características de uma autoridade terrível que pune seu povo, Jesus como aquele que sofre na cruz e o Espírito Santo quase ausente na devoção popular, a figura de Maria vai sobressair-se como a mãe protetora, poderosa e intercessora infalível.

Em uma realidade marcada pela violência da dominação, da escravidão e do machismo, temos a figura de Maria celestial, cuidadosa e amorosa a quem se pode recorrer de imediato e com confiança, ela é o socorro de toda a humanidade em todos os momentos. Pode-se então, afirmar que Maria ocupa lugar central na dogmática popular da América Latina e sem dúvida no Brasil.

As conferências episcopais Latino-Americanas, profundamente mergulhadas na doutrina, na espiritualidade e na vida pastoral da igreja, buscam na mãe de Deus e da igreja, o apoio, a força, a inspiração e luzes para a caminhada. Como modelo de igreja e discípula de Cristo, com toda certeza, ela nos ajudará a refazer nosso caminho pastoral, refletir sobre nossa identidade e lançar luzes de vida evangélica a nossos povos especialmente os mais necessitados e pobres. Aos pés de Maria a estrela da evangelização, temos que retomar urgentemente aspectos fundamentais da identidade cristã.

A II conferência do Episcopado Latino-Americano ocorreu em Medellín, Colômbia, em 1968, e a III Conferência, em Puebla, México, em 1979, alicerçadas pelos avanços do Concílio Vaticano II.

O valor do Documento de Medellín (DM) se encontra na abertura de eixos, os quais permitiram a reflexão teológica acerca da participação da mulher na renovação da igreja da América Latina (AQUINO, 1997).

Este documento anunciou o novo modelo de igreja, que propôs a participação comunitária do povo, buscando alternativas libertadoras em consonância com as aspirações dos pobres, marginalizados e oprimidos, posicionando-se claramente a favor da libertação integral dos pobres, pois a miséria exige soluções concretas e justiça social para todos (AQUINO, 1997).

Igualmente, refletiu-se acerca do reconhecimento da missão da igreja em estar a serviço do povo e não a serviço de si mesmo. Neste aspecto, alicerçou-se o compromisso com a justiça social e a promoção humana.

À Mãe do Evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial. Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé, e a sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja. Ela deixou-se conduzir pelo Espírito, através dum itinerário de fé, rumo a uma destinação feita de serviço e fecundidade. Hoje fixamos n'Ela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores. Nesta peregrinação evangelizadora, não faltam às fases de aridez, de ocultação e até de certo cansaço, como as que viveram Maria nos anos de Nazaré enquanto Jesus crescia: Este é o início do Evangelho, isto é, da boa nova, da jubilosa nova. Não é difícil, porém, perceber naquele início um particular aperto do coração, unido a uma espécie de "noite da fé" – para usar as palavras de São João da Cruz – como que um 'véu' através do qual é forçoso aproximar-se do Invisível e viver na intimidade com o mistério. 'Foi deste modo efetivamente que Maria, durante muitos anos, permaneceu na intimidade com o mistério do seu Filho, e avançou no seu itinerário de fé'(EVANGELII GAUDIUM, 287).

O Documento de Puebla (DP) nos diz que "A evangelização é a missão da igreja. A história da igreja é fundamentalmente, a história da evangelização", por isso, reforçou a opção metodológica assumida em Medellín, e a parte mais importante deste documento é a IV parte, em que, além da opção preferencial pelos pobres, dos jovens e da ação da igreja junto aos construtores da sociedade pluralista na América Latina, se trata de modo muito especial dos direitos fundamentais do ser humano, dos direitos individuais, dos direitos sociais e dos direitos emergentes, sendo arrolados também alguns direitos de índole internacional.

Em toda a reflexão pastoral de Puebla, busca-se a comunhão e a participação na igreja e na sociedade para se chegar à verdadeira e autêntica libertação, qual seja, a rejeição da pobreza e a exigência da conquista de políticas públicas econômicas e sociais para os menos favorecidos.

O documento de Aparecida (2005, p. 209) afirma que:

Os desejos de vida, paz, fraternidade e felicidade não encontram respostas em meio aos ídolos do lucro e da eficácia da insensibilidade frente ao sofrimento alheio, aos ataques à vida intra-uterina, à mortalidade infantil, à deterioração de alguns hospitais e a todas as modalidades de violência contra crianças, jovens, homens e mulheres. Isso sublinha a importância da luta pela vida e pela dignidade e integridade da pessoa humana. A defesa fundamental da dignidade e desses valores começa na família.

O povo precisa ficar atento para o fato de que, embora a prescrição legal expressa na instituição de uma política pública demonstre intenções em prol da solução de um problema, não existe a garantia de que o que foi anunciado, à priori, se transforme em ação e, tampouco que a demanda objeto da ação seja atendida. Pois no processo de implementação, as ações planejadas por grupos ou indivíduos podem não acontecer conforme o previsto.

Sabe-se que a constituição das políticas públicas econômicas e sociais expressa ao mesmo tempo os interesses econômicos articulados a projetos de sociedade. Portanto, os textos legais acordados nos documentos constituem os enunciados das políticas, mas muitas vezes escondem, sob a sua formalidade, os interesses econômicos que se articulam a projetos políticos de sociedade revelando, entre outros aspectos, os sujeitos que foram ouvidos e a correlação de forças políticas imbricadas no decorrer de sua elaboração.

Nesse aspecto, a igreja precisa assumir o seu papel perante a sociedade e lutar contra as desigualdades sociais que estão na raiz das políticas neoliberais. Em relação à mulher, reconheceu sua situação de opressão (pobre, negra e indígena), estimulando-as a se organizarem na luta pelos direitos e conclamando o papel da igreja em capacitá-las.

A esse respeito Sartre (1970, p. 21) assevera que:

Não basta dizer que homens podem lutar pela liberdade sem saber que estão lutando pela liberdade. [...] Pois, afinal de contas, se um homem luta pela liberdade sem o saber, sem formular para si mesmo, lucidamente, os meios que utiliza e os objetivos que pretende atingir, isso significa que os seus atos vão determinar uma série de conseqüências que se insinuam numa trama casual cujo princípio e fim ele não capta, mas que, apesar de tudo, encerra sua ação e lhe confere um sentido, em função da atividade dos outros; e não apenas dos outros homens, mas do meio natural em que esses homens agem.

2.2 O PAPEL DA FAMÍLIA, ESPECIALMENTE DA MULHER NA EVANGELIZAÇÃO

Reconheceu-se que a mulher tem muito a contribuir com a evangelização, salientando a necessidade de recuperarem o seu passado eclesial, visto que na história da 'economia da salvação' o papel da mulher foi imprescindível e o mais importante deles foi o de Maria.

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano aconteceu na capital da República Dominicana, em Santo Domingo, tendo como temática central a nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. Nos documentos gestados nessa conferência, avançou-se no reconhecimento de que a mulher é sujeito histórico, eclesial e teológico tanto na família quanto na igreja e também na sociedade.

O Documento de Santo Domingo assume os direitos garantidos nas conferências de Medellín e Puebla e os aprofunda. Este documento denuncia a miséria a que são subjugadas as famílias, como também a exploração que sofrem crianças, adolescentes e mulheres que trabalham de forma escrava ou sem mínimas condições de dignidade. O documento admite que:

Em nosso tempo, a sociedade e a Igreja têm crescido em consciência da igual dignidade da mulher e do homem. Ainda que teoricamente se reconheça esta igualdade, na prática, ela freqüentemente é desconhecida. A nova evangelização deve ser promotora decidida e ativa da dignificação da mulher. Isto supõe aprofundar o papel da mulher na Igreja e na sociedade (CONFERÊNCIA DE SANTO DOMINGO, 1992, p.126).

Assim, a ênfase recai sobre a necessidade de uma nova evangelização, apresentada de forma dinâmica e através do diálogo com a modernidade e a pós-modernidade. Esta nova evangelização deverá se expressar por meio de novos métodos, considerando a cultura diversa dos povos, especificamente dos povos indígenas e afro-americanos.

Porém, conforme questiona Pires:

Vai ser possível o índio e o negro viverem e expressarem sua fé em Jesus Cristo e na Igreja, sem renunciarem à cultura de seus antepassados? E o homem moderno, a mulher moderna? Vai ser-lhes permitido viver a fé dentro da cultura urbana ou se vai continuar separando fé e modernidade, como se fossem conceitos e realidades contraditórios? (PIRES, 1992, p.57)

Pires (1992) continua seu raciocínio afirmando que o documento de São Domingo faz muitas denúncias em relação a tudo que atenta contra a vida, alertando sobre as condições socioeconômicas precárias. Entre outras questões, o documento analisa várias temáticas que contextualizam as situações de opressão da mulher,

exigindo que a igreja assuma o compromisso de participar ativamente da conscientização acerca da justiça social, enfatizando que a mulher tem papel evangelizador, mesmo sendo leigas. A esse respeito, Pires assevera que:

A maior contribuição da IV conferência é convocar os leigos para a nova evangelização [...] todos os leigos são protagonistas da nova evangelização, da promoção do laicado, livre de todo clericalismo e sem redução ao intereclesial [...] quem ocupa a linha de frente nas comunidades humanas não é o clero, são os leigos (PIRES, 1992, p.60).

Compreende-se, claramente, que a igreja, a partir desses documentos, assume que o homem é um ser histórico social, portanto, se esta pretende realizar a nova evangelização precisa entender os sinais do tempo e estes sinais não podem ser vivenciados sem a presença da virgem Maria.

Maria é a mãe da igreja evangelizadora e sem ela não se compreende o espírito da nova evangelização, uma vez que Jesus ao dizer no alto da cruz: 'Mulher, eis aí teu filho' e 'Eis aí tua Mãe' (Jo 19,26-27) quis manifestar o mistério de uma missão salvífica para ela, ou seja, Jesus deixava-nos a sua mãe como nossa mãe, e só depois disso pôde dizer que 'tudo estava consumado' (Jo 19,28). Jesus quis mostrar que não se caminha sem uma mãe, de maneira que deve existir uma ligação íntima entre Maria e a igreja e cada fiel. Assim Maria é a Estrela da Nova Evangelização. Podemos pedir a ela que interceda para que esta nova evangelização seja assumida por todos dentro da igreja.

Sendo Maria 'membro supereminente e absolutamente singular na vida da igreja' (*LUMEN GENTIUM* 53), a sua presença é inegável, presença como modelo de fé para evangelizar e para ser evangelizado; ela está presente na nova evangelização estando presente na comunidade eclesial, em atitude orante e contemplativa, como no início da igreja no dia de pentecostes "todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus e os irmãos dele" (At 1,14), mas também como peregrina e companheira, presente nas comunidades eclesiais e nos movimentos sociais, nos mostrando que Deus é o protagonista da história da salvação e que nós somos convidados e convocados como cristãos para participar nessa grande epopéia da salvação, juntamente com ela nossa mãe e mãe da igreja.

3 MARIA, A IGREJA E A EVANGELIZAÇÃO NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII NUNTIANDI*

Na contemporaneidade, a libertação adquiriu relevância teológica, ocupando significativa reflexão e atenção por parte dos escritores e da igreja, pois existe uma relação imbricada entre a salvação e a libertação. Nos documentos criados no Pós Concílio Vaticano II, particularmente na ocasião das Conferências Episcopais de Medellín (1968) e de Puebla (1979), os bispos afirmaram que a Igreja da América Latina necessita tratar, em sua originalidade, acerca do sentido da salvação e da libertação, essa libertação, porém, deve ser sempre entendida de maneira integral.

Esses estudos se aprofundaram no Sínodo dos Bispos (1974), ocasião em que os padres decidiram optar por um discurso embasado na comunicação de experiências, com realização de trabalhos em grupo, apresentados como sínteses. Na mesma linha de compreensão do Sínodo dos Bispos de 1974, aprofundar-se-á o conteúdo da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o que nos ajudará a compreendê-la.

Na *Evangelii Nuntiandi* recordam-se três crises que constituem desafios à evangelização, sendo a primeira representada através do ateísmo ambiental, imperante em várias regiões do mundo. Tal ateísmo coloca na igreja a responsabilidade de propor sentido à disseminação da ideologia cristã, no sentido de superar as ideologias ateias. Pois, a evangelização terá de oferecer uma alternativa ao sentido da vida em que Deus apareça além do ateísmo e do teísmo convencionais.

A segunda é representada e descrita como a necessidade de que a evangelização leve em consideração a diversidade cultural.

Por fim, a terceira crise acontece quando a evangelização é concebida como um anúncio, sem as garantias de realização do seu conteúdo. Portanto, a igreja deve partir do princípio de unificar essas problemáticas apontadas através de soluções unificadoras para a evangelização (*EVANGELII NUNTIANDI*, 4).

A essas indagações e colocações, o papa Paulo VI oferece com a *Evangelii Nuntiandi*,

Todos nós vemos a urgência em dar a esta pergunta leal, corajosa e, depois agir conseqüentemente. Com o nosso “cuidado solícito de todas as igrejas”, nós desejaríamos ajudar os nossos irmãos e filhos a responder a tais interpelações. Oxalá que as nossas palavras, que intentam ser uma reflexão sobre a evangelização [...] (*EVANGELII NUNTIANDI*, 4).

O conceito de evangelização se enriqueceu no Sínodo, pois contou com a presença dos padres sinodais da África, Ásia, América Latina, Estados Unidos e Europa Ocidental, os quais apresentaram os desafios da universalidade da evangelização.

As reflexões cristológicas, eclesiológicas e pastorais discorrem, como nunca, nesta exortação apostólica, que lista 82 pontos de análise, de reflexão, de meditação, de orientação e de ação; todas apontam, em sua essência, o desejo em anunciar a salvação aos homens de hoje.

A unidade entre a salvação e a libertação se fundamentou na renovação dos estudos bíblicos e da Cristologia (teologia cristã, que estuda a vida de Cristo, sobretudo sua natureza divina e humana), proporcionado pelo diálogo ecumênico e através da tomada de consciência crítica das desigualdades sociais e políticas.

Uma universalidade, porém, a concretizar-se no particular de cada contexto: a aculturação da fé, na África; atenção à riqueza das religiões não cristãs, na Ásia; libertação integral, na América Latina; secularização/secularismo, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, ateísmo programático, na Europa Oriental. A esses problemas, pareceu de capital evidência uma exortação como esta, pois a mensagem evangélica não é para a igreja uma contribuição facultativa e sim uma obrigação por mandado do próprio senhor Jesus Cristo, afim de os homens acreditarem e serem salvos (*EVANGELII NUNTIANDI*, 4-5, p. 8-9).

A Exortação Apostólica *EVANGELII NUNTIANDI*, pode-se divisá-la em sete capítulos, quais sejam:

- 1 – De Cristo Evangelizador a uma Igreja Evangelizadora;
- 2 – O que é evangelizar?
- 3 – O conteúdo da evangelização;
- 4 – As vias da evangelização;
- 5 – Os destinatários da evangelização;

6 – Os agentes da evangelização;

7 – O espírito da evangelização.

No primeiro capítulo comenta-se sobre as raízes da evangelização, considerando Cristo o próprio senhor como o primeiro dos evangelizadores em virtude de sua missão simbolizada através da pregação do evangelho, da sua paixão, morte na cruz e da sua gloriosa ressurreição. Pois:

Como evangelizador Cristo anuncia em primeiro lugar um reino, o reino de Deus, de tal maneira importante que, em comparação com ele, tudo o mais passa a ser o “resto”, que é “dado por acréscimo”. Só o reino, por conseguinte, é absoluto, e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifique com ele. O senhor comprazer-se-ia em descrever, sob muitíssimas formas diversas: a felicidade de fazer parte deste reino, felicidade paradoxal, feita de coisas que o mundo aborrece; as exigências do reino e sua carta magna; os arautos do reino; os seus mistérios; os seus filhos. A vigilância e a fidelidade que se exigem daqueles que esperam o seu advento definitivo (*EVANGELII NUNTIANDI*, 8).

O papa fala da pregação incansável de Jesus, acompanhado pelos “sinais” e aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova do reino de Deus, para edificá-lo e vivê-lo plenamente.

Já o segundo capítulo conclui-se acerca do que é evangelizar, destacando a exigência de que o Evangelho seja anunciado de forma explícita a todos, e que é competência da igreja em anunciá-lo a toda criatura. Afirma ainda o papa Paulo VI na exortação que há uma ligação profunda entre Cristo e a igreja.

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo influxo transformá-las a partir de dentro e tornar à própria humanidade. (...) A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente essa mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina na mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam e a vida e o meio concreto que lhe são próprios (*EVANGELII NUNTIANDI*, 18).

Um aspecto importantíssimo abordado nessa Exortação é o reconhecimento da necessidade de cada cultura, a partir de sua própria linguagem, exprimir o evangelho, anunciando a evangelização da cultura, porque o homem é um ser cultural. O evangelho e a evangelização em relação às culturas não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de impregná-las a todas sem se escravizar a nenhuma delas. Assim se importa em fazer todo esforço possível para uma evangelização generosa nas diferentes culturas.

Em Maria é, sobretudo a dimensão da maternidade que é valorizada pelo povo e, alias, também pela tradição institucional das igrejas cristas. A maternidade aproxima Maria do povo, a mãe não é apenas a genitora, aquela que deu à luz uma criança. A mãe é um símbolo englobante que emite quase sempre energia positiva, afeto, calor, compreensão, vida. [...] É a figura simbólica da mãe, e da sua função na sociedade e especialmente de sua função no mundo religiosos dos povos que nos impulsiona como cristãos. Maria é a mãe ideal, a mãe dos sonhos, a mais bela, a mais compreensiva, a mais bondosa, a mais carinhosa, a estrela da evangelização [...], aí surge à relação e devoção de nosso povo a Maria (CAPRANI, 2014 p. 43).

O conteúdo da evangelização está expresso no terceiro capítulo, quando o Pontífice tornou a falar da evangelização das culturas e da verdadeira libertação do homem da situação que os condena a ficarem à margem da vida; carestia, doenças crônicas e endêmicas, analfabetismo, injustiças sociais etc.

Recordava o papa, citando os bispos e padres sinodais:

A igreja tem dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar tal libertação nos seus começos, de dar testemunho em favor dela e de envidar esforços para que ela cheque ao que é total. Isso não é alheio a evangelização (EVANGELII NUNTIANDI, 30).

Como palavras corajosas, proféticas e medidas, o papa Paulo VI desafia a igreja e o mundo sabiamente, visando uma evangelização no futuro, sem se esquecer no atual momento, onde a igreja esta vivendo grandes mudanças pós concílio.

No capítulo quarto exaustivo e corajoso tem sido o discurso do Papa com relação à evangelização e promoção humana. A temática o adverte, deve ser levada adiante, sem reduzi-la a nenhuma ambiguidade. A libertação evangélica encontra sua base no reino de Deus, exige uma conversão necessária e exclui toda violência, ou seja, trata-se de superar desejos pessoais para dar lugar ao reino, que é para todos. A igreja tem que dar contribuição específica a esse respeito.

Continua o santo padre, o papa Paulo VI:

Desta justa libertação, ligada à evangelização, visa alcançar o estabelecimento de estruturas que salvaguardem as liberdades humanas, não pode ser separada a necessidade de garantir todos os direitos fundamentais do homem, entre os quais a liberdade religiosa ocupa um lugar de primeira importância [...] (EVANGELII NUNTIANDI, 39). Anuncia-se por quais meios será possível evangelizar propondo essa missão a nós [...] o cuidado de remodelar com ousadia e com prudência e numa fidelidade total de seu conteúdo, [...] comunicar a mensagem evangélica aos homens de nosso tempo (EVANGELII NUNTIANDI, 40).

O Papa nota que a aflição é a atração daquele regime totalitário que sistematicamente ‘oprime’ e ‘sufoca’ os direitos da liberdade de religião de milhares de cristãos e católicos.

Em relação ao quinto capítulo, intitulado ‘Os destinatários da evangelização’ apresenta-se a comunidade eclesial de base como aquela que pode revigorar a participação do povo na Igreja, enfatizando que todos têm direito ao evangelho, uma vez que Deus ‘quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade’ (*EVANGELII NUNTIANDI*, 57).

E o que é a verdade? É o próprio Cristo “Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai, senão por mim” (Jo 14,6), como Jesus é a cabeça da igreja, esta tem o dever de pregar o evangelho como síntese de um diálogo religioso e expressão da união do homem com Deus, pois,

Mesmo perante as expressões religiosas naturais mais merecedoras de estima, a Igreja apóia, portanto, sobre o fato de a religião de Jesus, que ela anuncia através da evangelização, pôr o homem objetivamente em relação com o plano de Deus, com a sua presença viva e com a sua ação: ela leva-o, assim, a encontrar o mistério da paternidade divina que se debruça sobre a humanidade; por outras palavras, a nossa religião instaura efetivamente uma relação autêntica e viva com Deus, que as outras religiões não conseguem estabelecer, se bem que elas tenham, por assim dizer, os seus braços estendidos para o céu. É por isso que a Igreja conserva bem vivo o seu espírito missionário e deseja mesmo que ele se intensifique neste momento histórico que nos foi dado viver. Ela sente-se responsável perante povos inteiros. Não descansa enquanto não tiver feito o melhor para proclamar a Boa Nova de Jesus Salvador (*EVANGELII NUNTIANDI*, 53).

O sexto capítulo afirma que todos são responsáveis pela evangelização, pois a Igreja é, em si, toda missionária e toda missão é um ato eclesial, tanto na perspectiva da igreja universal e da igreja particular, quanto na adaptação e fidelidade de linguagem, tarefas diversificadas, não só do sucessor dos apóstolos o Papa, mas também dos Bispos, Sacerdotes, religiosos e leigos que deverão estar empenhados nas realidades temporais, às famílias, aos jovens, enfim, na unidade da mesma missão, aos quais os confiou nosso senhor Jesus Cristo.

A obra da evangelização pressupõe no evangelizador um amor fraterno, sempre crescente para com aquele a quem ele evangeliza. [...] outro sinal deste amor é a preocupação por não ferir a outro, sobretudo se esse outro é débil na sua fé, com afirmações que podem ser claras para os iniciados, mas para os simples fieis podem tornar-se fonte de perturbação e de escândalo, como se fosse uma ferida na alma (*EVANGELII NUNTIANDI*, 79).

Finalmente no capítulo sétimo, o Sucessor de Pedro, o papa Paulo VI, exorta os verdadeiros evangelizadores a mostrarem-se dignos da própria vocação, a

exercitarem-se sem reticências e a não descuidarem das condições que hão de tornar essa evangelização, não apenas possível, mas também ativa e frutuosa.

Na manhã do pentecostes, presidiu na prece ao iniciar-se a evangelização, sob a ação do Espírito Santo: que seja ela a Estrela da Evangelização sempre renovada, que a igreja, obediente ao mandato do senhor, deve promover e realizar, sobretudo nestes difíceis mais cheios de esperança (EVANGELLI NUNTIANDI, 82).

A igreja é depositária da boa nova que há de ser anunciada. As promessas da nova aliança em Jesus Cristo, os ensinamentos do senhor e dos apóstolos, a palavra da vida, as fontes da graça e da bondade de Deus, o caminho da salvação, tudo isso lhe foi confiado. É o conteúdo do evangelho e, por conseguinte, da evangelização, que ela guarda como um depósito vivo e precioso. Não para manter escondido, mais sim para comunicar a todos os homens.

Neste sentido nos diz (BENTO XVI, 2006):

[...] Assim o evangelho finalmente nos introduz na hora que hoje estamos a viver. Conduz-nos rumo a Maria, que aqui honramos como Estrela da Evangelização. Na hora decisiva da história humana, Maria ofereceu-se inteiramente a Deus, o seu corpo e a sua alma, como morada. Nela e dela o filho de Deus assumiu a carne. Por meio dela, a palavra fez-se homem (cf. Jo 1,14). Desta forma, Maria diz-nos o que é o advento: ir ao encontro do senhor que vem em nossa direção. Esperá-lo, escutá-lo, contemplá-lo. É assim que a saudamos como Estrela da Evangelização [...]

Portanto, a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* foi sem dúvida, um grande marco histórico-teológico da evangelização no mundo após o Concílio Vaticano II. É a proclamação do 'Verbo de Deus', de sua palavra e gesto; uma realidade em diferentes povos, línguas, raças e nações. Ela evidencia uma igreja evangelizadora aberta aos sinais dos tempos, às novas expressões da fé, na perspectiva da unidade, tudo isto em união com a sempre Virgem Maria a estrela da evangelização por mérito de seu filho Jesus Cristo.

A evangelização no mundo contemporâneo consiste em levar a boa nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e local e, pelo seu influxo, transformá-la a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade.

Sua maior influência permanecerá nos futuros programas de evangelização da igreja, pois a exortação recupera o que é central para a evangelização, o próprio evangelho. Este por sua vez, cobra da igreja e de cada cristão uma abertura fundamental a todas as realidades, povos e culturas que se encontram em nosso redor. Neste início de século XXI, já estamos vivenciando em muito esta belíssima

exortação do Santo Padre o Papa Paulo VI, com empenho de grande parte da igreja para levar o evangelho a toda criatura como o próprio Jesus ordenou aos seus apóstolos. "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16,15).

É na pessoa de Maria que a revelação da verdadeira dignidade feminina alcança a sua máxima expressão. Deus compendiou nela toda a grandeza e toda a beleza da mulher. Maria é a obra-mestra, é da mulher ideal. E de nenhuma mulher na história da economia da salvação recebe Deus uma resposta mais plena a seu amor. Em Maria o ideal de mulher não é uma coisa abstrata, uma construção artificiosa, uma meta inatingível. Fundamentado em Maria, este ideal possui a autenticidade de uma existência concreta, de uma pessoa que realizou para sempre e em plenitude o pensamento eterno de Deus sobre a mulher.

Em relação ao papel de Maria na igreja, ela é exemplo e modelo para toda a igreja (homem e mulher). Pois Maria já atingiu a perfeição, pela qual existe sem mácula e sem ruga, os cristãos olhando para ela se esforçam por crescer em santidade e vencer o pecado. Os cristãos devem elevar seus olhos a Maria, a mãe de Deus, a Estrela da evangelização, Nela a igreja é já a toda santa.

E que a Virgem Santíssima do Pentecostes nos alcance também Ela, pela sua intercessão, tudo isto, por sua vocação singular viu seu Filho Jesus crescer em sabedoria, estatura e em graça. Sobre seus joelhos e ao ouvi-lo durante a vida oculta em Nazaré, esse Filho, o unigênito do Pai 'pleno de graça e verdade'. Mãe e discípula ao mesmo tempo, dizia a respeito d'Ela Santo Agostinho, e acrescentava com ousadia que ser discípula para Ela foi mais importante de que ser mãe. Não foi sem razão, pois, que na sala sinodal se disse de Maria que Ela é um catecismo vivo mãe e modelo da evangelização. Que a presença do Espírito Santo, pois, pela intercessão de Maria, possa alcançar à igreja um impulso sem precedentes na atividade missionária que a ela é essencial, neste tempo (JOÃO PAULO II, 1979).

Somente através da fé pode-se aderir aos caminhos misteriosos da onipotência de Deus. Esta fé gloria-se em nossas fraquezas a fim de atrair sobre nós homens o poder de Cristo. Desta fé, a virgem Maria, nossa mãe e intercessora, é modelo supremo, ela que acreditou em tudo o que lhe foi revelado por Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a melhor forma de servir à igreja é apresentar Jesus Cristo como aquele que tem a verdadeira palavra transformadora e que caminha conosco na construção de um itinerário libertador. Mais do que ninguém, Maria foi quem apresentou ao mundo o Filho de Deus feito homem e identificou sua missão no mundo como sendo a primeira evangelizadora.

Este trabalho buscou compreender melhor o papel de Maria como figura e evangelizadora dos povos na América Latina, à luz do caminho percorrido pelo seu filho Jesus Cristo. Mas é também importante recordar, nesse sentido, que o próprio caminho de Maria não foi apenas desenvolvido à sombra dos passos de Jesus. Por meio da sua vivência de fé, destemor e profecia, ela elaborou uma identidade própria a caminho do Reino definitivo.

Maria tem, portanto, aspectos próprios de evangelizadora, como mulher e mãe, como educadora e presença na comunidade apostólica, discípula e ícone da igreja. Ela tem sua feição peculiar, importantíssima para ser repensada e recuperada nos dias atuais, como vimos nas conferências do Episcopado Latino Americano (CELAM), realizadas até hoje.

É importante recordar que Maria não vela apenas pela Igreja, mas por todos os filhos e irmãos de seu Filho Jesus. Maria caminha com a Igreja e com a humanidade em suas aflições e alegrias. Intercede por todos os povos, diante do senhor da história. Seu coração, podemos dizer abraça o mundo.

Por isso, a religiosidade popular coloca nas mãos de Maria, como rainha, mãe e estrela da evangelização, o destino de nossa gente. A piedade mariana é, com frequência, o único vínculo que mantêm um grande número de pessoas ligadas à igreja, mais não têm o acesso às diversas celebrações oferecidas pela santa igreja, muitas vezes até mesmo por falta de sacerdotes, templos etc.

Neste sentido, é muito interessante recordar os santuários marianos, espalhadas pelo mundo, especialmente aqui na América Latina, para onde se dirigem tantos milhares de pessoas anualmente para agradecer as graças recebidas e também pedir novas graças.

Como estrela da evangelização, Maria encarna o conteúdo da Boa Nova. É o modelo perfeito do cristão evangelizado e evangelizador; é mãe dos homens e das comunidades geradas pela evangelização. Como ninguém, Maria teve a experiência de fé, respondeu à vocação com seu “*FIAT*” (Lc 1,38). Com este seu sim, Maria aceita sua missão na economia da salvação, permanecendo fiel a Jesus, inserida na comunidade apostólica. Viveu a fidelidade de contemplação e a fidelidade de compromisso que a levaram a associar-se à missão de Jesus.

Entre nossos povos da América Latina, o evangelho tem sido proclamado, apresentando a Virgem Maria como sua expressão concreta. Na ação missionária, ela exerce uma função materna, pois ao participar da ação de Cristo ressuscitado, acompanha os homens que peregrinam na terra e deles cuida maternalmente. Assim, Maria comunica à igreja e à espiritualidade o ‘carisma feminino’, os traços maternos de Deus.

Concluindo, parte-se de um quadro um tanto desanimador, onde tínhamos igrejas vazias, abandono da fé, indiferença religiosa. Porém a proposta de uma nova evangelização é cheia de esperanças, pois se trata de anunciar, de propor um encontro não somente com uma doutrina, mais um encontro real, pessoal e existencial com Jesus Cristo, o Mestre, o Libertador, o Redentor. E aprende-se com Maria a ter-se um olhar de fé para o mistério de Cristo e assim tornar-se com ela (Maria) testemunhas de um novo mundo, levando adiante o projeto da nova evangelização.

Na exortação apostólica *EVANGELII NUNTIANDI*, Maria é concebida como aquela que com sua maternidade espiritual, foi capaz de transcender o tempo e a história da igreja, iluminando os caminhos dos homens como a ‘Estrela da Evangelização’.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Felipe. *A mulher do apocalipse*. 10ª edição. Lorena, SP. Cleófas, 2016.
- _____. *A virgem Maria*. 7ª edição. Lorena. SP, Cleófas, 2014.
- AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a igreja e a mulher na América Latina*. 1ª edição. São Paulo, SP. Paulus, 1997.
- BENTO XVI, disponível em [HTTPS://coraçãosacerdotalwordpress.com/a nova evangelização](https://coraçãosacerdotalwordpress.com/a-nova-evangelização), acesso em 05 set. 2016.
- BÍBLIA SAGRADA. 74ª edição, São Paulo, SP. Ave-Maria. 1993.
- CAPRANI, Julio. *Maria a estrela da evangelização*. 1ª edição. São Paulo, SP. Ave-Maria, 2014.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica Vaticana, São Paulo, SP. Loyola. 2000.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições decretos declarações* 29ª edição, Petrópolis, RJ. Vozes. 2012.
- CONFERÊNCIA do Episcopado Latino. Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo. São Paulo, SP. Paulinas, 1992.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. V conferência geral do episcopado Latino-Americano e do Caribe, 11ª edição, São Paulo, SP. Paulinas, 2009.
- FRANCISCO. *A igreja da misericórdia*. 1ª edição. São Paulo, SP. 2016.
- _____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, sobre a alegria do evangelho*. 1ª edição, São Paulo, SP. CNBB, 2013.
- FIDELIS, Stoeckl. Apostila sobre Mariologia e Eclesiologia, 2013.
- JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Mulieris Dignitatem, sobre a dignidade e a vocação da mulher*. 5ª edição. São Paulo, SP. Paulinas, 2001.
- _____. Exortação apostólica Catechesi Tradendae, disponível em: [HTTPS://w2.vatican.va](https://w2.vatican.va), acesso em 01 abril 2017.
- _____. *Exortação apostólica Christifidelis Laici, sobre vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo*. 2ª edição. São Paulo, SP. Loyola, 1998.
- ROGÉRIO, Moraes. Apostila sobre Missiologia, e Nova Evangelização, 2014
- SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 1ª edição. São Paulo, SP. Vozes, 2012.
- PAULO VI. PP. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi, sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 22ª edição. São Paulo, SP. Paulina, 2011.

PIRES, José Maria. A conferência de São Domingos. In: *Semana de estudo sobre o Documento de Santo Domingo*. Recife, PE. Fasa, 1993.